

## **#46 Sutra do Diamante - Final**

### **– RI 2020**

#### **Lama Padma Samten**

Bacupari - 22/08 a 30/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/>

Revisão: Mônica Kaseker 12/12/2024

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar essa transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

### **Dhyana e Shamata**

Estamos dando sequência no Sutra do Diamante. Estamos no Dhyana Paramita. É interessante porque aqui Dhyana não é colocado como se fosse Shamata, é Dhyana. Eu até vejo Dhyana mais parecido com Zazen do que com Shamata. Porque Shamata, em princípio, é uma prática na qual nós focamos um objeto e tentamos estabilizar a mente. Essencialmente é isso. Quando nós trabalhamos, por exemplo, Shamata impura, como Gyatrul Rinpoche vai descrever, ele oferece isso: nós olhamos algo, um objeto. Aqui não estamos olhando se o objeto é real ou não é, se ele está separado de nós ou não. Começamos admitindo que o objeto está separado. Shamata impura, assim, nós olhamos. Eventualmente, eu posso também tomar a sílaba Hum no coração, como Dudjom Rinpoche descreve no texto Iluminação da Sabedoria Primordial, ele propõe isso. Mas, ainda assim, eu vejo a sílaba, ela está separada de mim. Eu não estou trabalhando a noção da não separatividade, da não dualidade. Eu não estou fazendo isso. Eu estou tentando estabilizar a mente. Essencialmente isso.

Enquanto nós tentamos estabilizar a mente, isso é Shamata. Em Shamata pura, eu também estou com a mente estável, ela não se perturba, nem com o movimento que possa haver em volta. Eu ganho uma estabilidade, que é o que nós estamos buscando. Uma capacidade de olhar, focar numa direção, mesmo que tenha tumulto ao redor, nós mantemos a capacidade de foco. Então, isso é a Shamata pura. Nós podemos até lembrar do que aconteceu, mas nós não somos arrastados nem por olhos, ouvidos, nariz, língua, tato, nem mente.

De modo geral, no Samsara, tão pronto algo surge aos olhos, nós tomamos aquilo por base e damos uma sequência de pensamentos, ou seja, a mente associada aos olhos, ela passa, ela estimula a mente, que vai então construindo a realidade a partir daquilo. E o que acontece com os olhos, acontece com ouvidos, língua, tato e mente. Isso é o Samsara usual, onde a mente flutua de modo, aí a pessoa olha o chimarrão e pensa: chimarrão, sim! E a pessoa olha aquilo com olhos, aí ela já imagina outras sequências. Esse é o ponto, esse é o Samsara. Agora, como é que eu posso tomar chimarrão depois disso?

Esse é o ponto. Mas, em Shamata, nós estamos buscando não sermos arrastados. Agora, aqui na prática de Dhyana, como ele está descrevendo, é uma prática que tem lucidez dentro. Isso lembra a descrição da prática de Zazen, como o mestre Dogen vai descrever. Ainda que a gente deixe cair o corpo e a mente, ou seja, não somos arrastados por isso, na verdade, a prática de Zazen é a prática fácil de um Buda. O que que é a prática de um Buda? Ele vai olhar a inseparatividade, ele tem a sabedoria dentro. Ele vai mostrar a não dualidade. Esse é o ponto, aqui em Dhyana, nós vamos olhar isso. Como é que a sabedoria vai surgir?

(Vocês desculpem que nós estamos rindo porque a Dudu, a nossa cachorra, ela apareceu ali na janela com o olho para dentro e deu uma choradinha. Ela queria entrar, assim. Mas, cada vez que ela entra, ela dá uma confusão. Mas o coração de todo mundo aqui balança. Porque todo mundo gosta dela. A gente tem uma conexão cármica, a gente entende que ela foi um praticante em outra vida, que deu alguns problemas. Ela vinha ao templo, mas não praticava, ela dormia. Queria sempre estar do lado de fora, não dentro do templo. [Risos] Aí aconteceu o quê? Nasceu com o corpo perfeito para ficar do lado de fora, andar para aqui e para lá. Ela sabe que a gente está falando sobre ela porque ela ficou um rabo assim. Fazer o quê, né? Ela é nossa companheira de caminhadas, de plantio. Todo mundo se alegra com ela aqui.)

Mas, então, esse é um ponto assim: o Buda vai olhar desse modo, reconhecendo a não dualidade. Quando nós praticamos o Zazen, seria a prática da lucidez de um Buda. Prática natural. Essa prática natural, eu acho muito parecida com a descrição do Satipatthana. Que é, por exemplo, olhar o corpo como corpo, as emoções como emoções, as várias coisas. Não é não olhar. Shamata seria essencialmente focar alguma coisa para não olhar em volta, para ganhar essa estabilidade. Mas uma vez que temos estabilidade, nós podemos olhar as coisas e reconhecer o movimento que elas produzem, reconhecer os desdobramentos que aquilo possa eventualmente produzir. Enquanto nós contemplamos isso, vemos como é que aquilo é. Nós não estamos arrastados por aquilo. O fenômeno inteiro pode aparecer. O fenômeno inteiro de corpo, das emoções, das várias coisas. Ele aparece e nós vemos tal como é. A prática de Dhyana, como está sendo colocada no Sutra do Diamante, difere da prática de Shamata nesse sentido.

A prática de Shamata é como se fosse uma prática preparatória, onde evitamos flutuar, olhar alguma coisa, porque tão pronto nós olhamos, nós somos novamente arrastados pelo próprio Samsara. Enquanto não ganharmos essa estabilidade de Shamata, não conseguiremos praticar a Dhyana, de fato. Eu acho melhor entender que Dhyana tem vários estágios, sendo que um deles seria esse. Ele vai ter essa parte de entrada que é Shamata. Depois, nós vamos desenvolvendo essas outras habilidades.

### **Hinayana, Vajrayana e Mahayana**

Eu também considero de grande importância nessa parte aqui a descrição do que são os alunos Hinayana e o que são os Bodhisattva-Mahasattvas. Os alunos Hinayana, eles não descobriram, por enquanto, o aspecto da superação das identidades. Eles operam a partir das sensações que as coisas produzem e eles olham para as coisas e atribuem qualidades às aparências. Eles também localizam dentro deles tendências e as utilizam como referenciais para falar sobre a própria identidade. Nessa perspectiva, eu acho muito notável olharmos desse modo, como o Buda descreve os alunos Hinayana.

Ele não diz: isso é uma linhagem. Ele diz: isso é uma postura de mente. Eu vejo essa postura de mente como algo que pode invadir qualquer linhagem ou abordagem, mesmo uma abordagem muito sofisticada. Vamos supor que essas pessoas estão ouvindo os ensinamentos Dzochen, mas elas não entenderam a ausência de identidade delas e dos outros seres. E elas operam dentro da sensação das próprias identidades e das bolhas, elas são alunos Hinayana, com certeza. Não importa o que elas digam, o que pensam, o que descrevam, elas estão nessa classificação como o Buda descreve.

Agora, se as pessoas estão, por exemplo, fazendo a prática dos textos, dos sutras, estão praticando Satipatthana, Anapanasati, elas estão ali, que nas perspectivas Mahayana, Vajrayana e Dzochen é um ensinamento introdutório. Ainda que eu não veja assim, eu mesmo não vejo assim, mas por vezes isso é considerado ensinamento introdutório. Se a pessoa tem a clareza da ausência de identidade, ela reconheceu isso, esse ensinamento é uma abordagem que está além da abordagem Hinayana.

Por exemplo, os sutras, os textos Pali, os ensinamentos em Pali, se os praticantes estão praticando aquilo na perspectiva da ausência de identidade, eles são Bodhisattva-Mahasattvas. Enquanto que alguém, dentro de uma abordagem Vajrayana, ou Dzochen, ou Mahayana, mas que não tenha a compreensão da ausência de identidade, não é Bodhisattva-Mahasattva, ele está dentro da perspectiva Hinayana. Eu acho super importante isso. Eu diria que a perspectiva Hinayana é a base daquilo que Trungpa Rinpoche vai descrever com o materialismo espiritual. É muito importante entendermos esses pontos. Se nós nos mantivermos na perspectiva Hinayana,

nós vamos tomar todos os ensinamentos, seja o que for, como alguma coisa teórica. Porque se pegarmos ensinamentos muito sofisticados, mas seguirmos na perspectiva Hinayana, não conseguiremos avançar sobre aquilo. Vamos pegar aquilo, guardar, memorizar, colocar em uma prateleira e a nossa vida segue na perspectiva das identidades, do que eu gosto, do que eu não gosto, que são os doze elos da originação dependente.

Eu fiz um atalho aqui, de um lado para o outro, só para rememorar o que nós estamos fazendo, o ponto onde nós estamos. Eu vou seguir por aqui mesmo, lembrando o último parágrafo que descrevemos aqui, o Buda diz:

*Subhuti, só aqueles discípulos cuja compreensão pode penetrar de modo suficientemente profundo no sentido dos ensinamentos do Tathagata, concernentes da ausência de identidade de ambos, coisas e seres vivos, e que podem entender claramente seu significado, é que são dignos de serem chamados de Bodhisatva-Mahasatva.*

Aqui ele define isso. É superimportante entender esse ponto. O Sutra do Diamante, do mesmo modo o Sutra do Coração, está voltado aos Bodhisatva-Mahasatvas, para clarificar esses pontos. Nós olhamos já na primeira parte do retiro de inverno, nós já olhamos isso extensivamente, especialmente dentro da Primeira e Segunda Nobres Verdades. E nós entendemos, os Bodhisatva-Mahasatvas é que vão entender a possibilidade de liberação dos seres e que vão perceber que todos os seres têm natureza búdica, todos os seres têm a possibilidade de atingir liberação. Porque eles não são atingidos, eles têm a possibilidade de atingir liberação, porque eles não são aquilo que eles pensam que são. Eles têm essa natureza naturalmente livre, insubmergível, não destrutível. Uma natureza Vajra essencialmente. Mas ele diz isso e nós poderíamos dizer: bom, isso significa que não é possível falar sobre o Buda, não é possível falar sobre as coisas, não conseguimos dizer mais nada.

Esse é um ponto superinteressante. Nos estudos do Zen, o Genjo Koan, que é considerado a súpula do ensinamento do mestre Dogen, que por sua vez é o Shobogenzo Genjo Koan – no qual o mestre Dogen expressa sua visão, o olho do Dharma é essencialmente isso. Traduzido como o olho da verdadeira lei, mas a verdadeira lei é o Dharma, é isso. O que o mestre Dogen passa? Ele passa o olho do Dharma, que olha para as coisas e vê. No primeiro verso do Shobogenzo Genjo Koan, aliás, do Genjo koan, ele vai dizer: quando todas as coisas são o Dharma do Buda, existe a iluminação, existe o engano, existem os Budas, existem os seres sencientes, existe o Nirvana, existe o Samsara, existem as aparências múltiplas. Isso é como se fosse um Koan, Genjo koan.

O Koan é descrito como a clarificação das aparentes contradições. Isso é um Koan. É a unificação, é quando a gente acalma e clarifica aparentes contradições. Aqui ele propõe uma contradição. Se tudo é o Dharma do Buda, a gente poderia dizer: então não tem mais Samsara, não tem Nirvana, não tem Budas, não tem mais nada. Tudo se dissolve na iluminação. Mas o primeiro verso diz: tem Samsara, tem Nirvana, tem tudo. Como se tudo é o Dharma do Buda, como é que tem isso? Esse é o ponto que aqui no Sutra do Diamante nós vamos tratar agora.

Essa visão, poderíamos dizer que é muito parecida com a visão do Satipatthana. O Buda diz: olhe o corpo como corpo. Ele não diz: olhe o corpo como não corpo. Ele diz: olhe o corpo como corpo. Isso é super profundo, pessoal. Ou seja, a liberação do corpo não é olhar o corpo como não corpo, mas reconhecer o que significa quando eu vejo o corpo. Este é o ponto. A clarificação da experiência mesma. Quando nós clarificamos a experiência mesma, nós vamos ver o ponto último, que é a natureza búdica. Ela aparece ali. Esse é o processo. Isso também é muito parecido com a abordagem Vajrayana também, a abordagem tântrica. Ou seja, com certeza a abordagem tântrica brota disso. Nós não temos medo das aparências, sejam quais forem. Nós olhamos as aparências e a lucidez é olhar a aparência tal como ela é. As aparências revelam todo o segredo que as aparências podem ter. Se as aparências nos enganam, eu as contemplo de um modo suficientemente profundo. Nas aparências, como elas surgem, eu vejo todo o engano. Eu vejo todo o aspecto daquilo.

### **Aspecto luminoso das aparências**

No início eu vou pensar: eu vejo o engano. Mais adiante eu vejo o princípio ativo luminoso que produz aquelas aparências. Eu vou sorrir por aquilo. Eu vou achar aquilo fantástico. Do mesmo modo que as crianças se encantam com alguém vestido de um personagem teatral. Como as crianças se encantam com Papai Noel. Muitas vezes eu me fantasiei de Papai Noel. Aquilo é bonito

de ver. As crianças ficam em volta, olham e pensam: esse aqui eu conheço. Eles ficam olhando, se relacionando um pouco desconfiados. É muito gostoso.

Eu lembro que uma vez, num Natal daqueles, o Papai Noel tinha que estar do lado de fora da casa. Eu não vi um valo. Papai Noel caiu num valo. Foi muito engraçado. O Papai Noel chegou meio embarrado. Então as crianças olham aquele personagem e não sabem o que fazer. Essa é a nossa situação. Se olharmos profundamente o Papai Noel, dizemos: esse é o Papai Noel. Mas no início podemos sentir: que decepção, não é o Papai Noel. Mas depois olhamos encantados que aquilo é o Papai Noel.

Nas tradições indianas e chinesas, também eles usam esse processo de arte. Eu acho super bonita a noção, por exemplo, do tigre de papel. De onde é que vem isso? Das tradições antigas, como o dragão de papel. E cada um pega uma varinha e segura o próprio dragão, que tem luzes dentro. Um grande dragão de papel. As crianças vão andando, as pessoas vão andando, o dragão vai serpenteando. Olha! Está lá o dragão! Ele não está ali, mas ele está ali. É encantador. Aquilo produz uma sensação muito interessante. Você pode fazer desse modo.

O Buda mesmo descreve: é como um mágico que toma panos e galhos e cria personagens. Assim são os personagens. Se eu pensar, por exemplo: eu sou um praticante sério, eu olho ali e não vejo o dragão, não vejo o tigre, não vejo o personagem, não vejo nada. Não é assim. Esse primeiro verso do Genjo Koan é isso: as coisas aparecem e nós olhamos com profundidade as coisas. O fato delas aparecerem não impede que tenhamos uma lucidez sobre elas. Este que é o ponto. Porque a gente pode ficar sério. Isso seria a vacuidade mal-humorada. Quando a gente olha e não vê o aspecto lúdico do surgimento luminoso da realidade.

É como se nós tivéssemos medo. Se as pessoas vissem o dragão, elas não teriam a capacidade de ver que o dragão é de papel. Eu tenho medo, então eu digo: não olhe o dragão. Mas a recomendação é: olhe o dragão. Olhe bem. Olhe bem o dragão. Olhe bem o Papai Noel. Você vai descobrir tudo sobre o Papai Noel? Por quê? Porque aquilo é assim. Como é que eu vou descobrir o que tem ali? Só olhando mesmo. Este é o ponto.

*Então, o senhor Buda inquiriu o Subhuti dizendo:  
O que pensas tu? Possui o Tathagata um olho físico?*

Aí o Subhuti poderia dizer: mas que Tathagata? Que olho físico?

*Subhuti replicou:  
Obviamente, abençoado. O Tathagata possui um olho físico.  
Possui ele um olho de iluminação, Subhuti?  
Certamente, o Tathagata possui o olho de iluminação. Ele não seria o Sr. Buda de outra forma.  
E o Tathagata? Possui o olho de inteligência transcendental?*

Aí seria o caso de nós olharmos cada uma dessas coisas. O que significam essas palavras?

*O Tathagata possui o olho de inteligência transcendental?  
Sim, abençoado Senhor. O Tathagata possui o olho da inteligência transcendental.  
E o Tathagata possui o olho da intuição espiritual?  
Sim, abençoado Senhor. O Tathagata possui o olho da intuição espiritual.  
Possui o Tathagata o olho do amor de Buda e compaixão por toda a vida sensorial?  
Subhuti concordou e disse:  
abençoado Senhor, tu amas toda a vida sensorial. (Todos seres sencientes.)  
O que pensa Subhuti? Quando me refiro aos grãos de areia do rio Ganges.*

A coisa vai ficando pior, né?

*Eu afirmo que eles são verdadeiramente grãos de areia?*

Este é o ponto, entende?

Aí o Subhuti diz: bom, isso também já é demais. Quer dizer, ele não diz isso mesmo, ele pensa.

*Não, abençoado Senhor. Tu falas deles apenas como grãos de areia.*

Eu acho essa afirmação muito bonita, né?

*Quando eu me refiro a grãos de areia do rio Ganges, eu afirmo que eles são verdadeiramente grãos de areia?*

Ele diz: não. Tu falas deles apenas como grãos de areia. Então o que seria um grão de areia? Grãos de areia são grãos de areia. O que é o corpo? O corpo é o corpo. Então, olhe o corpo como o corpo. Olhe o grão de areia como grão de areia.

*-Subhuti, se houvesse tantos rios Ganges, como existem grãos de areia no rio Ganges e se houvesse tantas terras de Buda, quantos são os grãos de areia em inumeráveis rios, seriam essas terras de Buda consideradas muito numerosas?*

*-Muito numerosas, certamente, Senhor Buda.*

*-Ouve, Subhuti, no interior dessas inumeráveis terras de Buda, existem todas as formas de seres sensoriais com todas as suas várias mentalidades e concepções. Todas elas inteiramente conhecidas do Tathagata.*

Ou seja, o Tathagata entende os seres e entende a mente dos seres. E ao mesmo tempo, não há os seres. Mas ele entende os seres e a mente dos seres. Por que ele vai dizer que não há os seres? Não há os seres porque os seres são manifestação. Aquilo que parece que são os seres são os aspectos transitórios. Ele não é aquilo, porque aquilo é transitório. Mas ele é o aspecto primordial. Eles são. Nesse sentido eles não são, mas eles são o aspecto primordial, eles são a própria manifestação búdica.

*-Ouve Subhuti, no interior dessas inumeráveis terras de Buda, existem todas as formas de seres sensoriais com todas as suas várias mentalidades e concepções. Todas elas inteiramente conhecidas do Tathagata. Mas nenhuma delas é mantida na mente do Tathagata como uma concepção arbitrária de fenômeno.*

Ou seja, alguma coisa existente em si mesma.

*Elas são meramente imaginadas (são luminosas). Nenhum nesta vasta acumulação de conceitos desde tempo sem início, nenhum desses tem substancialidade.*

Ainda que não tenha substancialidade, ele permite o surgimento. Por exemplo, essa sala aqui não tem substancialidade. Atribuímos esse sentido para ela como uma sala de meditação. Atribuímos esse sentido, mas poderíamos atribuir qualquer outro sentido aqui. Essa sala, eu acho que está condenada a ser outra coisa. Não sei durante quanto tempo, é bom ir avisando. Mas o que significa isso? Significa que essa sala existe, mas repentinamente nós transformamos isso aqui num alojamento, por exemplo. Ou coisas mais dignas, como, por exemplo, um banheiro. Podemos transformar. O que mantém essa sala como sala de meditação? A forma como nós a reconhecemos. Mas se dissermos que essa sala é cosmicamente uma sala de meditação, já não vai dar certo. Então nós olhamos desse modo. Isso significa que a sala de meditação não existe por si mesma. Ela é coemergente com a nossa própria mente. Ou não dual com a nossa própria mente. Enquanto a nossa mente opera de um certo jeito, a sala surge de um certo jeito. Ela é não dual com a nossa própria mente. Essa é a característica de todas as coisas. Elas são não duais com as mentes. Esse é o segredo.

Por isso que nós podemos dizer que não só essa sala, mas *nenhum nesta vasta acumulação de conceitos desde o tempo sem início em todas as direções, nenhum deles tem substancialidade*. Mas, por exemplo, o fato dessa sala não ser uma sala de fato, não tem substancialidade, não impede de organizarmos retiros e atividades e fazer tudo funcionar aqui dentro. O fato de as coisas não terem uma substancialidade, não as impede também de servirem para entrelaçar e ampliar a visão da rede do Samsara, que vai operando, sendo que as coisas para operar elas não precisam ser, elas precisam apenas ser, elas não precisam ser absolutamente, bastam elas serem aquilo e elas estabelecem as conexões. Essa é a forma como tudo surge. Essa

é a forma também que explica porque as coisas são impermanentes, porque que elas transitam o tempo todo, porque elas não são absolutamente aquilo, elas são aquilo como uma chama que tem as suas labaredas e as coisas surgem e são consumidas, incluindo a nossa própria existência.

Aí o senhor Buda resumiu:

*-Subhuti, se algum bom e piedoso discípulo, seja homem ou mulher, tomasse os bilhões de universos e os moesse até virar em pó impalpável e o assoprasse, assoprasse esse pó no espaço, o que pensa Subhuti? Teria esse pó alguma existência individual?*

Esse é um ponto filosófico, o Buda está assim, está procurando a matéria essencial, o átomo essencial. Isso com certeza é um pensamento que existia na Índia, não foram apenas os gregos.

*Subhuti replicou: - sim senhor abençoado.*

*Sim como? Como pó impalpável, infinitamente dissipado. Se poderia dizer que tem uma existência relativa, mas na forma como abençoado as palavras ele não tem existência, as palavras têm apenas um sentido figurativo.*

Ele assoprou o pó impalpável. E está lá o pó impalpável, mas seu olhar profundamente dentro do pó impalpável ele também surge como não dual com a própria mente, ele não tem uma existência última. Aqui o Buda ele está falando sobre a não existência da matéria, como um átomo, como um pó.

*De outro modo as palavras implicariam a crença na existência da matéria como uma entidade dependente e autoexistente, o que não é.*

Sobrou nada pessoal. Poderíamos pensar: bom, a vida se levanta da matéria, mas a matéria já é o resultado disso, é como se tivessem Samsaras mais fundamentais que vão produzindo, ou seja, tem mentes búdicas mais fundamentais que vão produzindo as aparências e sobre essas aparências nós vamos criando outras coisas e outras coisas e assim nós vamos indo.

*Além do mais, quando o Tathagata se refere a bilhões de universos, ele poderia fazer isso apenas como uma figura de expressão. Por quê? Porque se os bilhões de universos existissem realmente, sua única realidade consistiria em sua unidade cósmica.*

Ou seja, eles seriam construções luminosas não duais.

*Seja como põe um palpável ou como grandes universos, o que importa isso? É só no sentido de unidade cósmica na última essência que o Tathagata pode corretamente se referir a isso.*

Esse é um ponto assim, por exemplo, tudo que surge na mente é não dual com a própria mente. Só que as mentes são não duais umas com as outras. Aquilo que nós vamos olhando como mentes separadas, como por exemplo nós aqui todas as mentes separadas e os seres todos com mentes separadas, mas essas mentes separadas elas só existem dentro da experiência sensorial. Quando nós atravessamos a operação de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato e as mentes que operam a partir de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato nós vamos para uma região que é a região da natureza do Tathagata, o seio do Tathagata. Tathagatagarbha, que é olhado desse modo, que é essencialmente Darmata. E Darmata não se divide em vários seres. Darmata é algo que não tem uma divisão. Essa é a razão pela qual a mente de uma pessoa pode entender a mente do outro que é separado dela aparentemente. Mas ele não é separado. É um aspecto interno quando o Rigpa percorre os meandros para entender a operação das mentes, Rigpa se desloca facilmente entre os vários seres, sem nenhum problema. Porque não há separação dos vários seres. Os seres surgem e eles podem causar também a diferença entre uma pessoa e outra pode aparecer também como a diferença entre a própria pessoa e ele mesmo, dez anos antes ou trinta anos antes. Ele olha, como é que eu fazia? Deixa-me pensar. Ah, eu fazia assim. Ele vai penetrando naquela mente e vê

como é que aquela mente operava. Quando nós ultrapassamos olhos, ouvidos, nariz, língua e tato em mente e a separação entre as coisas, é porque nós estamos olhando desde o Rigpa. Quando nós olhamos desde o Rigpa, não há uma separação. Essa não separatividade entre as múltiplas aparências e seres é a que aqui é referida como unidade cósmica. A unidade cósmica é Darmata. *Seja pó impalpável, ou grandes universos o que importa isso?* É só no sentido de unidade cósmica. Poderíamos usar a palavra Darmata. Na última essência é que o Tathagata pode corretamente se referir a isso. Isso quem é que falou? Subhuti.

*O senhor Buda ficou muito satisfeito com essa resposta e disse:*

*Subhuti: apesar dos seres humanos terrestres terem sempre discriminado concepções arbitrárias de matéria e grandes universos, a concepção não tem base real. É uma construção da mente mortal.*

*Mesmo quando isso é referido como unidade cósmica e algo inescrutável.*

Essa unidade cósmica não é um objeto no sentido sensorial discriminativo dual, separativo. É Darmata. inescrutável.

*O senhor Buda continuou:*

*-Se algum discípulo fosse dizer que o Tathagata em seus ensinamentos constantemente se refere a si mesmo, aos outros, aos seres vivos e a uma alma universal o que pensaria Subhuti?*

*Teria tal discípulo entendido o sentido que eu estava ensinando?*

*Subhuti replicou:*

*- Não senhor abençoado. Tal discípulo não teria entendido o significado das palavras do senhor, pois quando o senhor se referiu a esses conceitos nunca se referiu a sua existência real. Ele apenas usou as palavras como figuras e símbolos. É apenas nesse sentido que elas podem ser usadas pois conceitos ideias, verdades limitadas e darmas não tem mais realidade do que matéria e fenômenos.*

Aqui olhamos novamente assim. Quando o Buda diz: *contemple o corpo como corpo*. Ao usar a palavra corpo, ele estaria então dando um sentido definitivo à palavra corpo? A resposta é não. Ele está usando isso apenas como palavras.

*O senhor Buda tornou isso mais enfático dizendo*

*- Quando os discípulos, Subhuti,*

Vocês olhem, isso é Dhyana pessoal. A pessoa está ali olhando. Isso é contemplação. Isso não é afundar numa vacuidade de ausência de contato. Isso é colocar lucidez em todas as aparências. Enquanto Shamata pode parecer que a pessoa se abstrai, mergulha em algo que está além do engano, Shamata é um estado particular de mente, enquanto Dhyana é uma capacidade contemplativa lúcida diante das aparências.

*Então o senhor Buda tornou isso mais enfático dizendo:*

*-Quando os discípulos Subhuti iniciam sua prática de busca da iluminação, ou seja, Anuttara-samyak-sambodhi, eles deveriam então ver, perceber, saber e vivenciar.*

Então isso é visão, de saída.

*...eles deveriam ver, perceber, saber e vivenciar que todas as coisas e todos os dharmas (as aparências) são não coisas e, portanto, não deveriam conceber em suas mentes quaisquer fixações arbitrárias (que designam e descrevem aquilo), sejam quais forem.*

*Aí o senhor Buda continuou:*

*- Se algum discípulo ofertasse aos Tathagatas uma tal quantidade dos sete tesouros capaz de preencher os inumeráveis ilimitáveis mundos e se um outro discípulo, um homem bom e piedoso ou mulher, em sua prática de busca para atingir Anuttara-samyak-sambodhi, observasse aplicadamente, cheio de fé, estudasse mesmo uma única parte dessa escritura e explicasse isso*

*aos outros as bênçãos e méritos acumulados por esse outro discípulo seriam relativamente maiores.*

Uma coisa é ofertar para os Budas uma quantidade inumerável dos sete tesouros e outra é praticar a clareza de mesmo uma pequena parte desse ensinamento.

*- Subhuti, como é possível explicar essa escritura aos outros sem manter em mente concepções arbitrárias de coisas, fenômenos e dharmas?*

Como fazer isso? Como é que vai explicar o Sutra do Diamante sem ficar fixado em aparências?

*- Isso só pode ser feito, Subhuti, mantendo a mente em perfeita tranquilidade, em uma unidade com a talidade.*

Que é a condição de Tathagata. Que não é uma identidade, ou seja, uma unidade sem ego,

Essa talidade significa reconhecer a aparência enquanto tal. Como nós estamos olhando a sala. A sala é a sala, mas se eu olho profundamente a sala, eu vejo a vacuidade da sala, mas a vacuidade

da sala não se contrapõe a própria sala. A vacuidade da sala ornamenta o próprio conceito de sala. Aquilo que eu chamo de sala tem a propriedade da vacuidade, com respeito à própria sala que é vista na sala. Quando eu olho a sala como sala, eu descubro que a sala é vazia de sala, mas o vazio da sala não se opõe à existência da sala ele é uma qualidade da existência da sala. Ainda que a sala exista, nós não estamos fixados a isso, nós não estamos presos.

*- Então Subhuti, como é possível explicar essa escritura aos outros sem manter em mente concepções arbitrárias de coisas, fenômenos, objetos e dharmas. Isso só pode ser feito, Subhuti, mantendo a mente em perfeita tranquilidade, em uma unidade com a talidade.*

Mas aqui ele já diz em uma unidade sem ego. Porque, por exemplo, se nós tomamos a talidade como um ornamento de uma identidade que está olhando, já deu problema. Então uma unidade sem ego. Essa visão da talidade brota justamente da ausência de fixações, que é a mente ampla, o aspecto primordial. Unidade sem ego. Com a mente em perfeita tranquilidade, em uma unidade sem ego, que é a condição de Tathagata do Buda. E por quê? Porque:

*- Todas as concepções mentais arbitrárias, de matéria, fenômenos e todos os fatores condicionantes e todas as ideias e concepções que os relacionam são semelhantes a um sonho, a um fantasma, a uma bolha, uma sombra, uma névoa evanescente e o brilho de uma faísca atmosférica.*

Esses são exemplos clássicos. Não é um conjunto de palavras aleatório. É como um sonho, ele tem continuidade, eu olho e aquilo faz sentido e eu ando por dentro do sonho. Mas é também como um fantasma porque aquilo vem e desaparece e aí quando eu quero encontrar de novo, já não encontro. É como uma bolha, porque eu vejo aquilo como uma realidade múltipla que eu olho em várias direções, mas repentinamente aquilo se desfaz. É como uma sombra, aquilo se move, mas eu não consigo ter uma substancialidade. É como uma névoa que desce e me impede de olhar com profundidade. É como o brilho de uma faísca atmosférica, ou seja, impermanente. Aquilo vem e cessa.

*- Todo discípulo verdadeiro deveria então fitar desapegadamente todos os fenômenos e todas as atividades da mente e manter sua mente vazia de fixações, sem identidade e tranquila.*

### **Prajnaparamita**

Esse é o ponto central da prática de Dhyana. Olhar todas as coisas desde esse ponto, com a mente livre de construções, sem se construir como uma identidade e estável. Daí brota a sabedoria Prajna, que é o tema seguinte. Agora nós entramos no Prajnaramita. Nós concluímos Dhyana Paramita, entramos no Prajnaramita. Aí o Buda pergunta para o Subhuti:



*- O que pensas Subhuti, teria o Tathagata atingido qualquer coisa que possa ser descrita como Anuttara-samyak-sambodhi? Alguma vez ele te deu esse ensinamento?*

Aí a coisa já se complicou. Porque se ele disser não, ele está negando o Buda. Se ele disser sim, ele está descrevendo uma característica que seria chamada de Anuttara-samyak-sambodhi, que é o que garante ao Buda ser um Buda. Aí o Subhuti esperto, o que ele vai dizer?

*- Como eu entendo o ensinamento do senhor Tathagata...*

Ele já passa para o Buda, como você andou dizendo...

*...não há tal coisa como Anuttara-samyak-sambodhi*

Aí o Buda poderia dizer: você não entendeu nada, não entende que eu sou Anuttara-samyak-sambodhi. É difícil se mover perto do Buda, mas ele foi fundo.

*- ...não há tal coisa como Anuttara-samyak-sambodhi, nem é possível para o Tathagata ensinar qualquer coisa como fixo.*

E o Buda disse: você está demitido. Coisa séria! Aí ele está explicando.

*- E por quê? Porque as coisas ensinadas pelo Tathagata são em sua natureza essencial inconcebíveis e inescrutáveis.*

O que o Buda está ensinando? Ele está ensinando esse lugar livre. Este é o ponto. Aquilo que o Buda está ensinando, em sua natureza essencial, é inconcebível e inescrutável,

*- Nem são existentes, nem não existentes. Nem são fenômenos, nem arquétipos ocultos.*

Arquétipos ocultos seria assim, por exemplo, leis universais. Todos os seres se movem, no entanto, eles estão submetidos à gravitação, eles nem percebem a gravitação. Nós estamos submetidos a leis elétricas, magnéticas por todo lado. Tem as leis físicas todas, a que nós estamos submetidos. Isso seriam os arquétipos ocultos. O que significa isso?

*- Isso significa que os Budas e Bodisatvas não são iluminados por qualquer verdade fixa, mas por um processo intuitivo que é espontâneo e natural.*

Ou seja, Prajnaparamita, os versos da Prajnaparamita. O Buda poderia dizer: agora está dando ensinamento para mim? Você primeiro me nega e agora não quer dar ensinamento? Mas o Buda deixou passar.

*Então o senhor Buda inquiriu a Subhuti:*

*- O que pensa Subhuti? É possível reconhecer o Tathagata por suas trinta e duas marcas físicas de excelência?*

Essa é dura. Por que isso é difícil? Porque se diz que o Buda nasceu com trinta e duas marcas que garantiam a ele ser um Buda. Aí se o Subhuti diz não, fica ruim. Mas então eu acho que o Subhuti tinha razão. [Lama engasga e brinca antes de continuar] Porque o Tathagata visto externamente, poderia se dizer: eram trinta e duas marcas físicas de excelência. Mas do mesmo modo que essa sala existe, eu posso dizer que o Tathagata existe pelas trinta e duas marcas físicas de excelência. Tudo bem, vamos deixar assim.

*Subhuti replicou:*

*- Sim honrado dos mundos, o Tathagata pode ser reconhecido dessa maneira.*

Eu acho que isso é o que o Subhuti estava pensando. Aí o Buda:

- *Subhuti, se é assim, então, Chakravartin, o rei do mundo, o senhor da roda da vida poderia ser classificado entre os Tathagatas.*

Subhuti: ah, entendi! Quer dizer, ele não diz assim: não.

*Subhuti então, compreendendo seu erro, disse:*

- *Honrado dos mundos, agora compreendo que o Tathagata não pode ser reconhecido meramente por suas trinta e duas marcas físicas de excelência.*

Tem esse aspecto do *meramente*. Essa é uma parte que eu acho super importante porque ela é ela se contrapõe a visão do materialismo espiritual.

*O senhor Buda então disse:*

- *Viesse alguém, ao olhar a imagem ou a figura de um Tathagata, afirmar conhecer o Tathagata ou conhecer cultos e preces a ele, tu deverias considerar tal pessoa um herege, que não conhece o verdadeiro Tathagata. O que pensas tu Subhuti, é possível mesmo ver o Tathagata no fenômeno de sua aparência física?*

- *Não, honrado dos mundos. É impossível mesmo ver o Tathagata no fenômeno de sua aparência física. E por quê? Porque o fenômeno de sua aparência física não é o mesmo que o Tathagata essencial.*

- *Está certo o Subhuti. O fenômeno da aparência física é inteiramente delusivo. Antes que o discípulo entenda isso, ele não pode compreender o verdadeiro Tathagata.*

Voltando para a sala, ela é um fenômeno totalmente delusivo. Ainda assim, eu me refiro a sala. Mas se eu quiser olhar a sala, o que que a sala é, eu vou encontrar a luminosidade da mente que produz não só a aparência da sala, como o olhar o específico que vê a sala. Essa não dualidade, entre a sala e a mente, produz no mesmo fenômeno a sala e a mente. Este aspecto é a manifestação luminosa da mente. Este aspecto é o próprio Tathagata, o próprio Buda. Todas as coisas são Darmata. Todas as coisas, em todas as direções elas são Darmata e manifestam esse aspecto. Não há nada que a gente aponte em qualquer direção que não surja desse modo. E surge não dual como manifestação dessa luminosidade. A luminosidade não é algo que cria as montanhas, mas ela cria o olhar que vê as montanhas junto com as montanhas. Por isso que, em todas as direções que nós olharmos, nós vamos ver a manifestação da natureza búdica diretamente.

- *Você está certo Subhuti. O fenômeno da aparência física é inteiramente delusivo. E antes que o discípulo entenda isso, ele não pode compreender o verdadeiro Tathagata.*

- *O que pensa Subhuti, poderia alguém compreender a personalidade do Tathagata pelas suas trinta e duas marcas físicas de excelência?*

Eles voltam a esse ponto. Aí ele diz:

- *Não abençoado. Nós não podemos ver a maravilhosa personalidade por suas trinta e duas marcas*

*de excelência. Por quê? Porque o que o Tathagata expressa como trinta e duas marcas físicas de excelência não traz nenhuma asserção definitiva ou arbitrária com respeito às qualidades de um Buda. As palavras são usadas apenas como figuras de expressão.*

*O senhor Buda disse:*

- *Subhuti, se algum discípulo dissesse que o Tathagata está agora indo ou vindo ou está agora sentado ou deitado, ele não teria entendido o princípio que eu estava ensinando e por quê? Porque ainda que a palavra Tathagata significa aquele que então veio e aquele que então se foi. O verdadeiro Tathagata nunca vem de nenhum lugar, nem vai para algum lugar. O nome Tathagata é meramente uma palavra.*

*Então o senhor Buda novamente inquiriu Subhuti dizendo:*

- *Pode o Tathagata ser reconhecido inteiramente através de alguma manifestação de forma?*

- Não, honrado dos mundos. O Tathagata não pode ser reconhecido inteiramente por alguma manifestação de forma e por quê? Porque o fenômeno de forma é inadequado para manifestar a condição de Buda. Pode servir apenas como uma mera expressão uma alusão ao que é inconcebível.

- O que tu pensas Subhuti?

Que no fim quem está dando ensinamento é o Subhuti, o tempo todo.

-O que pensas Subhuti? Poderia o Tathagata ser inteiramente reconhecido por alguma ou por todas

as suas transformações transcendentais?

- Não, honrado dos mundos. O Tathagata não poderia ser inteiramente reconhecido por alguma ou por todas as suas transformações transcendentais e por quê? Porque o que o Tathagata acabou de se referir como transformações transcendentais é meramente uma figura de expressão. Mesmo os mais elevados Bodhisattva-Mahasatvas são incapazes de compreender inteiramente, mesmo por intuição, aquilo que é inescrutável em sua essência.

Ou seja, Darmata, o aspecto primordial não tem características, então não tem o que ver dentro. Mesmo os mais elevados Bodhisattva-Mahasatvas são incapazes de compreender ou intuir

porque não há construções dentro. Por exemplo, como é que os Bodhisattvas vão olhar isso? Eles vão olhar com Rigpa. Eles olham para dentro, nesse aspecto primordial não tem nada e eles não tem o que dizer, não tem nada. Mas aí também tem um ponto interessante.

O senhor Buda continuou:

- Subhuti, não pensa o oposto, ou seja, que quando o Tathagata atingiu Anuttara-samyak-sambodhi isso não se deu pela posse das 32 marcas físicas de excelência.

Então não tem nenhuma restrição.

- Não pensa isso, caso tu pensas que quando iniciando a prática da busca de Anuttara-samyak-sambodhi, tu deverias te fixar em que todos os fenômenos devem ser cortados fora, rejeitados. Não pensa isso, porque quando um discípulo pratica a busca para atingir Anuttara-samyak-sambodhi ele nem deveria se fixar nas concepções arbitrárias de fenômenos e nem se fixar na sua rejeição.

Nesse exemplo que eu estou trazendo, por exemplo, se a pessoa disser: isso é a sala de meditação, ele está fixado. Se ele disser isso não é a sala de meditação, ele está fixado. Esse é o ponto, o caminho do meio. Nós olhamos a sala, a sala de meditação, ela brota no mesmo fenômeno que a mente que vê. E esse é o fato profundo sobre a sala de meditação. Se eu rejeitar a sala de meditação ou me fixar nela eu tenho um problema. Isso em todas as direções.

A seguir o venerável Subhuti, devido a sua inteligência iluminada e transcendental, (que não é dele,

é de todos os budas. Essa parte foi um comentário meu) dirigiu-se ao senhor Buda dizendo:

- Abençoado senhor, em épocas vindouras, quando algum ser sensorial tiver a oportunidade de ouvir essa escritura, irá ele despertar no interior de sua mente os elementos essenciais da lucidez?

Aqui a palavra escritura, eu diria, o ensinamento. Essa classe de ensinamento porque escritura é um texto. E aqui é ele está falando sobre o texto que ele está vivendo naquele momento. Então vocês olhem essa palavra escritura como o ensinamento específico. Essa classe de ensinamento.

Em épocas vindouras, quando algum ser sensorial tiver a oportunidade de ouvir esse tipo de ensinamento irá ele despertar no interior de sua mente os elementos essenciais de lucidez?

O senhor Buda disse:

- Subhuti, por que tu ainda manténs em tua mente tais concepções arbitrarias? Não existem coisas como seres sensoriais, nem existem seres não sensoriais e por que Subhuti? Porque o que tu tens em mente como seres sensoriais é irreal e não existente. Quando o Tathagata usou tais palavras, em seus ensinamentos, ele as usou apenas como figuras de expressão. Tua questão é, portanto, irrelevante.

Subhuti novamente inquiriu:

- Abençoado senhor, quando tu atingiste Anuttara-samyak-sambodhi, (ou seja, a iluminação completa) sentistes o interior da tua mente que nada havia sido adquirido?

Então ele atinge a iluminação. E poderíamos pensar: quando ele atingiu a iluminação ele localizou vários pontos. Aquilo é a base da iluminação. O que o Buda replica?

- É precisamente isso Subhuti. Quando eu atingi Anuttara-samyak-sambodhi, não localizei qualquer concepção arbitrária, qualquer elemento construído, qualquer concepção arbitrária de Dharma...

Ele não encontrou nenhum ensinamento.

...discriminada no interior de sua mente, nem mesmo a mais sutil. Mesmo as palavras Anuttara-samyak-sambodhi são meramente palavras.

Então, o que ele encontra? Ele encontra o aspecto primordial Kadag, os tibetanos chamariam, Grande Vacuidade.

- Ainda assim Subhuti, o que eu atingi em Anuttara-samyak-sambodhi é o mesmo que todos os outros Budas atingiram. É algo que é indiferenciado, não é para ser olhado como um estado elevado, nem como um estado inferior. É inteiramente independente de quaisquer concepções definitivas e arbitrarias ou de uma identidade individual, outras identidades, seres vivos, ou uma alma universal.

O que ele encontra? Ele encontra esse espaço livre. Na sequência, poderíamos perceber que tem Rigpa, porque ele olha tudo entende tudo. Tem luminosidade porque ele constrói todas as coisas, é algo não nascido incessantemente presente, que é o Lhundrup. É algo que manifesta naturalmente compaixão por todos os seres. É Kadag, o aspecto último, sem nenhum conteúdo, mas junto com Kadag, quando o Buda se expressa, ele se expressa com Rigpa, que é a lucidez com a luminosidade, com a energia Lung. Mas ainda assim, sem que isso seja uma descrição de uma identidade porque isso está presente incessantemente, isso não é construído, não tem início, não tem fim. Isso é a base das mentes de todos os seres que são inseparáveis da própria mente do próprio Buda. Agora a conclusão:

Subhuti respeitosamente inquiriu o senhor Buda:

-Honrado dos mundos, em dias futuros, se um discípulo ouvir esse ensinamento ou parte dele, seja uma seção, ou uma sentença, haverá ele de ter sua fé despertada?

Buda responde:

- Subhuti, não tenhas dúvidas a respeito. Mesmo no remoto período de 500 anos após o Nirvana do Tathagata, haverá aqueles que praticando caridade e mantendo os preceitos irão crer em seções e sentenças dessa escritura. Irão despertar em suas mentes uma fé pura e verdadeira. Tu deverias saber, entretanto, que tais discípulos, muito tempo antes, plantaram raízes de méritos não simplesmente perante um altar de Buda, ou dois, ou cinco, mas perante uma centena de milhares de miríades de asamkhyas de Budas. De tal modo, que quando eles ouvem sentenças e seções dessa escritura eles instantaneamente despertam uma fé pura e verdadeira no interior de suas mentes.

- Subhuti, o Tathagata sabe que os seres sensoriais que tiveram sua fé despertada, após ouvir sentenças e sessões dessa escritura, irão acumular bênçãos e méritos que são inestimáveis. Como é que eu sei disso? É porque esses seres sensoriais (se eles entenderam isso) devem já ter descartado as concepções arbitrarias de fenômenos, tais como sua própria identidade, identidade dos outros, seres vivos e uma alma universal. Se eles não o fizeram, suas mentes irão inevitavelmente discriminar tais coisas. Então eles não serão capazes de praticar generosidade,

*nem manter os preceitos. Além do mais, esses seres sensoriais devem ter também descartado todas as ideias arbitrárias relacionadas às concepções de uma identidade, outras identidades, seres vivos e uma alma universal porque senão suas mentes inevitavelmente discriminariam tais ideias relativas. E ainda esses seres sensoriais devem já ter descartado todas as ideias arbitrárias com respeito à concepção de não existência de uma identidade pessoal, outras identidades, seres vivos e uma alma universal. Se eles ainda não descartaram, suas mentes estarão ainda discriminando tais ideias.*

Os extremos. Ele está descrevendo os extremos. Poderiam estar fixados no extremo da existência ou fixados no extremo da não existência. Fixados no extremo da existência dessa sala ou no extremo da não existência dessa sala.

*-Portanto, todo discípulo que está buscando Anuttara-samyak-sambodhi deveria descartar não apenas as concepções a respeito de sua própria identidade, outras identidades, seres vivos e uma alma universal, mas deveria descartar também todas as ideias a respeito de tais concepções e todas as ideias a respeito de não existência ou irreabilidade de tais concepções.*

Então não nos fixamos, nem a existência das identidades, nem a negação das identidades etc.

*- Ainda que o Tathagata em seu ensinamento faça uso constante de ideias e concepções a respeito deles, os discípulos deveriam manter a mente liberta frente a tais concepções e ideias eles deveriam lembrar que o Tathagata, ao fazer o uso dessas palavras para explicar o Dharma, sempre as usa como uma analogia, uma jangada (é o Paramita) que é para usar apenas para atravessar o rio. Uma vez cruzado o rio, ela não tem mais utilidade. Ela deveria ser descartada assim as concepções arbitrárias de coisas e sobre coisas deveriam ser inteiramente abandonadas quando se atinge a iluminação. E ainda, com maior razão, deveriam ser abandonadas as concepções de coisas não existentes.*

## **Conclusão**

Essa agora é a conclusão:

*Enquanto Subhuti ouvia atentamente as palavras do senhor Buda, o ensinamento penetrou nas profundezas de sua compreensão e ele visualizou inteiramente que esse é o verdadeiro caminho pela iluminação as lágrimas brotaram em seus olhos quando ele compreendeu isso e ele disse:*

*- Oh senhor abençoado, eu nunca havia entendido anteriormente esse profundo ensinamento. Tu abriste meus olhos a esta sabedoria transcendental.*

*- Honrado dos mundos, o que foi ensinado a nós sobre o verdadeiro significado dos fenômenos não traz nenhum sentido limitado ou arbitrário. O ensinamento é como tu dizes, uma jangada que nos transportará a outra margem.*

Esse é um ponto interessante porque o ensinamento é o foco da mente. A pessoa tem o foco na mente e quando a pessoa chega na outra margem, o que é a outra margem? a outra margem é a mandala, não é o ensinamento. É uma base de realidade que ele olha e ele vê tudo com clareza, ele abandona a bolha e chega na mandala. Quando ele olha para trás, o rio e a bolha, não tem mais rio e não tem bolha. A mandala abarca todas as coisas. E aí se dissolve o próprio caminho.

*- Honrado dos mundos, o que foi ensinado a nós sobre o verdadeiro significado dos fenômenos não traz nenhum sentido limitado ou arbitrário. O ensinamento é como tu dizes: uma jangada que nos transportará a outra margem.*

*- Nobre senhor, como, quando no presente, em que tenho a oportunidade de ouvir esses ensinamentos e então não é difícil para mim encontrar a mente nele e claramente entender seu significado e isso desperta em mim uma pura fé, em tempos futuros, após cinco séculos, se houver alguém pronto para ouvi-lo e pronto para atingir a iluminação, capaz de concentrar sua mente nele, capaz de vivenciar um claro entendimento dele, tal discípulo irá então se tornar um discípulo maravilhoso e destacado. Se houver tal discípulo, a razão pela qual ele será capaz de despertar a*

*pura fé é devido a que ele cessou de alimentar concepções arbitrárias como sua própria identidade, a identidade dos outros, seres vivos e uma alma universal. Por que isso é assim? Isso se dá porque, se ele estiver alimentando concepções arbitrárias, como com respeito a sua própria identidade, ele estará alimentando algo que é não existente. (Seria a abordagem Hinayana) O mesmo se dá com os outros conceitos arbitrários de outras personalidades seres vivos e uma alma universal. Eles são expressões de coisas não existentes. Se um discípulo é capaz de descartar todas as concepções arbitrárias de fenômenos ou sobre fenômenos, ele imediatamente torna-se um Buda.*

*O senhor Buda ficou muito satisfeito com essa resposta e disse:*

*-É verdade, certamente. Se um discípulo tendo ouvido esse ensinamento não fica surpreso, nem amedrontado, nem o repele, tu deverias saber que ele é digno de ser considerado como um discípulo verdadeiramente maravilhoso.*

*Subhuti disse então ao abençoado:*

*- Por qual o nome deveria esse ensinamento ser conhecido de tal modo que ele possa ser entendido, honrado e estudado?*

*-O senhor Buda replicou:*

*- Esse ensinamento deve ser conhecido como Vajracchedika Prajna Paramita*

*. Por esse nome ele deve ser reverenciado, estudado e observado. O que é entendido por esse nome? Ele significa que*

*quando o senhor Buda deu os ensinamentos e nomeou de Vajracchedika Prajna Paramita, ele não tinha em mente qualquer concepção arbitrária. (Estava com a mente livre de referenciais construídos) Então ele nomeou assim. Esse ensinamento é duro e cortante como um diamante que corta fora todas as concepções arbitrárias e leva todos a outra margem da iluminação.*

*- O que pensa Subhuti? O Tathagata deu-te algum ensinamento definitivo nessa escritura?*

*Sim, abençoado senhor, quer dizer (brinca o Lama).*

*- Não abençoado senhor, o Tathagata não nos deu qualquer ensinamento definitivo nessa escritura.*

*Qual foi o ensinamento que ele deu? Ele deu a mente livre, ele não deu um conjunto de palavras, ele indicou a mente livre, por isso que ele não deu qualquer ensinamento definitivo nessa escritura.*

*- Quando o senhor Tathagata terminou o ensinamento lembrado nessa escritura, o venerável Subhuti, junto com toda a assembleia de bhiksus e discípulos, homens e mulheres e todos os devas e anjos regozijaram imensamente. E depois, acreditando sinceramente no ensinamento, tendo aceito de coração, cheios de fé, passaram a observá-lo e praticá-lo zelosamente.*

*Assim termina o sutra do diamante. Aí tem esses versos que estão antes e depois:*

*Possam as virtudes decorrentes da leitura desse sutra recair sobre todas as coisas e todos os seres vivos, para que eles possam seguir conosco o caminho do Buda.*

*No início tem esse verso:*

*O Dharma incomparavelmente profundo e misterioso é raramente encontrado, mesmo em centenas de milhares de milhões de ciclos universais. É a nós agora facultado vê-lo, ouvi-lo, aceitá-lo, guardá-lo. Possamos nós compreender verdadeiramente as palavras do Tathagata.*

*E no final:*

*Possam as virtudes decorrentes da leitura desse sutra recaírem sobre todas as coisas e todos os seres vivos, para que eles possam seguir conosco o caminho do Buda.*